

AGRICULTURA APOIADA PELA COMUNIDADE (CSA): NOVAS SOLIDARIEDADES ENTRE PRODUTORES E CONSUMIDORES NA ALEMANHA¹

Dalva Maria da Mota²

 <https://orcid.org/0000-0003-0027-5162>

Heribert Schmitz³

 <https://orcid.org/0000-0002-8933-1484>

Susanne Hofmann-Souki⁴

 <https://orcid.org/0000-0003-1625-5270>

RESUMO

Críticas à crescente industrialização da agricultura têm incentivado sistemas alimentares diferenciados a partir de relações entre produtores e consumidores. Registra-se um aumento exponencial de Community Supported Agriculture (CSA) em todo o mundo. Na Alemanha, as CSAs expandiram-se mais lentamente e somente em anos recentes passaram a desfrutar de maior atenção do público. Neste artigo, objetivamos situar historicamente as CSAs, valorizando as suas especificidades e características e delineando tendências mais recentes. A metodologia constou de revisão de literatura e de entrevistas com atores-chave que participam da coordenação e com associados de duas experiências de CSA. Os principais resultados mostram iniciativas e tendências convergentes para a expansão de sistemas alimentares sustentáveis em novos estabelecimentos agrícolas na Europa. Influenciam nas iniciativas, a demanda das pessoas por produtos regionais, a possibilidade de rastreabilidade, o desejo de cooperação, e a consciência sobre os efeitos climáticos globais nos modos de vida, dentre outras razões.

Palavras-chave: Sistemas Alimentares, Agricultura Orgânica, Compartilhamento, Agricultura Solidária.

COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE (CSA): NEW SOLIDARITIES BETWEEN PRODUCERS AND CONSUMERS IN GERMANY

ABSTRACT

Criticism of the increasing industrialization of agriculture has encouraged differentiated food systems based on relationships between producers and consumers. There is an exponential increase of Community Supported Agriculture (CSA) around the world. In Germany, CSAs have expanded more slowly, and only in recent years have they received more public attention. In this article, we aim to historically situate CSAs, highlighting their specificities and characteristics and outlining more recent trends. The methodology consisted of a literature review and interviews with key actors who participate in the coordination and with members of two CSA experiences. The main results show converging initiatives and trends towards the expansion of sustainable food systems in new farms in Europe. The initiatives are influenced by people's demand for regional products, the possibility of

¹ Financiado com recursos do CNPq e da Embrapa.

² Doutora em Sociologia, Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, bolsista produtividade CNPq. E-mail: dalva.mota@embrapa.br.

³ Doutor em Sociologia Rural. Professor titular de Sociologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, bolsista produtividade CNPq. E-mail: heri@zedat.fu-berlin.de.

⁴ Doutora em Economia Agrícola, Pesquisadora do Centro Tecnologia e Sociedade da Universidade Técnica de Berlim, Berlim (Alemanha). E-mail: hofmann-souki@mailbox.org.

traceability, the desire for cooperation, and awareness of the effects of the global climate on lifestyles, among other reasons.

Keywords: Food Systems, Organic Agriculture, Sharing, Solidarity Agriculture.

AGRICULTURA APOYADA POR LA COMUNIDAD (CSA): NUEVA SOLIDARIDAD ENTRE PRODUCTORES Y CONSUMIDORES EN ALEMANIA

RESUMEN

Las críticas a la creciente industrialización de la agricultura han fomentado sistemas alimentarios diferenciados basados en las relaciones entre productores y consumidores. Se ha producido un aumento exponencial de la Agricultura Apoyada por la Comunidad (CSA) en todo el mundo. En Alemania, las CSA se han expandido más lentamente y solo en los últimos años han llegado a disfrutar de una mayor atención pública. En este artículo, pretendemos situar históricamente las CSA, destacando sus especificidades y características y esbozando las tendencias más recientes. La metodología consistió en una revisión de la literatura y en entrevistas con actores clave que participan en la coordinación y con miembros de dos experiencias de CSA. Los principales resultados muestran iniciativas y tendencias convergentes hacia la expansión de sistemas alimentarios sostenibles en nuevos establecimientos agrícolas en Europa. Las iniciativas están influidas por la demanda de la gente de productos regionales, la posibilidad de trazabilidad, el deseo de cooperación y la conciencia de los efectos del clima global en los estilos de vida, entre otras razones.

Palabras clave: Sistemas Alimentarios, Agricultura Orgánica, Compartir, Agricultura Solidaria.

INTRODUÇÃO

O debate sobre a agricultura no mundo aponta transformações que implicam em enormes desafios devido a sua contínua busca de aumento da produtividade, à verticalização da produção, ao agravamento de problemas ambientais e sanitários e, especialmente, à redução da oferta de emprego. Os agricultores estão enfrentando um contexto cada vez mais turbulento. Eles têm que lidar com mercados voláteis, mudanças de políticas, concorrência global, normas ambientais necessárias e rigorosas e, mais frequentemente, com eventos climáticos extremos, bem como, mudanças nas preferências dos consumidores e nas expectativas da sociedade (Bouttes *et al.*, 2019, p. 1).

Em consequência, o papel da agricultura em articulação com outras atividades tem sido discutido em países que compõem a União Europeia (UE) que, nos últimos anos, opera uma mudança no sentido de apoiar não somente formas intensivas de produção, mas também formas sustentáveis de uso multifuncional da terra (Schäfer *et al.*, 2009, p. 159).

Estudiosos participam do debate sob diferentes perspectivas. Fonte (2013) constata que o sistema agroalimentar se encontra numa profunda crise e, amparada na literatura sobre redes alimentares alternativas, questiona se o comportamento de consumidores individuais será capaz de estar no cerne de uma transição para um sistema agroalimentar mais sustentável e se redes alimentares alternativas podem ser consideradas a expressão de um sistema mais democrático e justo.

Brunori, Rossi e Guidi (2012) analisam características e dinâmicas das redes agroalimentares, nas quais consumidores atuam como protagonistas. Os autores discutem o potencial dessas iniciativas para desafiar o sistema alimentar dominante e reconhecem que o sistema alimentar dominante possui a capacidade de transformar potenciais ameaças em oportunidades de mercado. Os autores acreditam que a mudança necessária não pode ser alcançada sem um papel forte do estado.

Na construção de sistemas alimentares diferenciados com participação dos consumidores e com possibilidade de persistência, a agricultura orgânica tem sido posta como uma opção. O debate sobre as razões pelas quais consumidores optam por produtos provenientes da agricultura orgânica tem, na base das suas explicações, a rejeição à agricultura convencional cujos insumos e escândalos associados aos métodos de produção influenciam na qualidade dos alimentos e na degradação dos recursos naturais. Como nos afirmou um entrevistado: “Perdi toda a confiança na responsabilidade regulatória da política agroalimentar”. Ademais, os consumidores optam por cadeias curtas que facilitam o consumo de produtos regionais frescos, associados às estações e, muitas vezes, produzidos por pessoas com as quais eles têm contato, conforme o depoimento de uma associada:

[...] porque é como parte do desejo de mudar o mundo um pouco também não é? De ter verduras regionais, que não têm percorrido caminhos muito distantes, e também de ter verdura regional, significa ter verdura sazonal, da estação e de apoiar as pessoas da região de ganhar dinheiro com o que estão fazendo (L., agrônoma, 27 anos).

Considerando o debate, o artigo trata da agricultura apoiada pela comunidade (CSA, da denominação em inglês *Community Supported Agriculture*) como expressão de outros modos de fazer a agricultura para desenvolver novas solidariedades entre produtores e consumidores na Alemanha. Além de situar historicamente a CSA, conhecida como agricultura solidária (SoLaWi – *Solidarische Landwirtschaft*) na Alemanha, delineamos as tendências mais recentes dos sistemas alimentares regionais.

Com tal propósito, florescem iniciativas de jovens que desejam viver experiências em estabelecimentos fundados a partir de um “marco zero” na Alemanha. Eles buscam novas maneiras de produzir, de comercializar e de criar circuitos econômicos regionais. Essas iniciativas têm sido consideradas como uma tendência contrária à chamada “morte das fazendas” (*dying out of farms*) (Becheva; Rioufol, 2019). Ou seja, ao desaparecimento gradual de estabelecimentos de agricultores reconhecidos como tradicionais naquele país. Por outro lado, esses novos sistemas agroalimentares promovem um processo de conexão entre as esferas de produção e do consumo em base ecológica.

Objetivamos neste artigo situar historicamente as CSAs, valorizando as suas especificidades e características e delineando tendências mais recentes. A metodologia constou de revisão de literatura e de entrevistas com atores-chave que participam como coordenadores e associados de duas experiências de CSA.

O artigo está composto das seguintes seções: Introdução; CSA: otimismo em torno a experiências; CSA: características gerais; CSA na Alemanha: algumas particularidades. Para finalizar, delineamos tendências recentes de novas iniciativas agrícolas com foco nos sistemas alimentares regionais na Alemanha.

CSA: OTIMISMO EM TORNO A EXPERIÊNCIAS

Diferentes autores atribuem o surgimento das CSAs à insatisfação com a agricultura convencional e com suas cadeias de fornecimento, temas persistentes nas reconstruções históricas dessa iniciativa. Em publicação recente, Diekmann e Theuvsen (2019a, p. 733)⁵ analisam: “A intensificação e a mecanização progressivas da produção agrícola, bem como a profunda estrutura de transformações no setor agrícola, mudaram significativamente o caráter da produção de alimentos e das áreas rurais ao longo das últimas décadas”.

Os autores apontam a insatisfação com a substituição de estruturas regionais de suprimentos por redes e cadeias globalizadas e destacam que, do ponto de vista do consumidor, essas cadeias de “suprimentos globais são opacas e suas práticas de produção são consideradas ética e moralmente duvidosas” (Diekmann; Theuvsen, 2019a, p. 733). Eles somam-se a outras vozes e constataam que há uma “[...] crescente preocupação social com o impacto da moderna produção de alimentos na saúde humana e no meio ambiente” (Diekmann; Theuvsen, 2019a, p. 733). A partir da revisão de vários estudos, os autores reconhecem que grupos de consumidores foram motivados pelas insatisfações com a agricultura convencional a buscar formas alternativas para dispor de alimentos de alta qualidade, razão pela qual é crescente a popularidade de redes alternativas de alimentos com a conexão entre produtores e consumidores em circuitos curtos com alimentos regionais (Diekmann; Theuvsen, 2019a, 2019b).

Reconhecendo que a ideia de CSA nasceu na Europa e no Japão, Cone e Myhre (2000, p. 187) consideram que se trata de “[...] um crescente movimento social que se esforça para tornar diretas as relações entre os produtores de alimentos e os consumidores”. Ressaltamos que o desenvolvimento de cooperativas de consumo ou de cooperativas produtor-consumidor começou na Alemanha muito antes de a ideia de CSA chegar do Japão e dos EUA. A autoimagem dessas cooperativas é um pouco diferente. A maioria baseia-se no princípio do preço normal do produto no mercado local (cada produto tem um preço), e o volume de faturamento dos agricultores depende das combinações preço-quantidade alcançadas.

⁵ Todas as traduções foram realizadas pelos autores.

Partindo da compreensão do CSA como movimento social, Peuker (2018, p. 176) afirma que “a característica distintiva da agricultura é que ela tenta estabelecer uma cooperação entre agricultores e consumidores”. Segundo a autora, “a ideia central da CSA é criar uma base de confiança e cooperação entre consumidores e agricultores” (Peuker, 2018, p. 178).

A autora reconhece que, na Alemanha, muitos estudos negligenciam o caráter de movimento social dessas iniciativas, concebendo-as como uma ferramenta de desenvolvimento regional inovadora. Para ela, a dimensão política da CSA é frequentemente desconsiderada, mesmo que seja fundamental para explicar por que as pessoas são motivadas a se envolver em projetos de CSA e por que os estruturam de maneiras específicas, críticas à agricultura industrializada, como uma “alternativa” ao modelo convencional. Nos termos em que o debate é posto, “o projeto CSA é uma entidade econômica e também uma unidade política. Esse caráter político expressa-se não apenas nas especificidades da organização empresarial, mas também no caráter contestatório dos projetos de CSA [...]” (Peuker, 2018, p. 176).

Em estudo detalhado da CSA na fase inicial nos Estados Unidos, Cone e Myhre (2000) constata que, entre seus objetivos, constam preocupações com a qualidade dos alimentos atrelada à sobrevivência de pequenas fazendas, de pequenos estabelecimentos. Tais preocupações devem ser superadas por meio da criação de comunidades de agricultores e consumidores. As autoras afirmam que “[...] agricultores e membros devem encontrar um equilíbrio sustentável entre diferentes meios e estilos de vida que tentam alcançar por meio do compromisso com valores compartilhados” (Cone; Myhre, 2000, p. 187). Por sua dinâmica e complexidade, questionamos Brown e Miller (2008, p. 1296), que reduzem o debate sobre CSA a uma compreensão predominantemente econômica, qual seja: “uma estratégia de marketing em que os consumidores compram ‘ações’ na fazenda antes do início do plantio e recebem uma parte do que estiver disponível a cada semana [...]”. Por ações, interpretamos a antecipação de recursos para financiar a experiência.

Buscando traçar uma visão geral da CSA na Europa, Kraiss e Meissner (2016) verificam que, no caso da Alemanha, trata-se de uma definição em construção, que pode ser assim explicitada:

CSA é uma parceria direta entre um grupo de consumidores e um ou vários produtores, em que os riscos, responsabilidades e recompensas das atividades da agricultura são compartilhados, por meio de um acordo consensual formal ou informal. Geralmente operando em pequena escala, as CSAs visam fornecer alimentos de qualidade produzidos de uma maneira agroecológica (Kraiss; Meissner, 2016, p. 40).

De modo geral, as iniciativas de definição de CSA destacam a relação direta entre produtores e consumidores que se caracteriza por i) garantir o acesso aos meios de produção para a obtenção de alimentos adequados à saúde humana e ao meio ambiente, ii) romper com as concepções e os procedimentos da agricultura convencional, industrializada, iii) compartilhar confiança, compreensão mútua, valores e riscos e iv) construir e veicular uma narrativa que critica o sistema agroalimentar e

propõe mudanças. Como afirma Peuker (2018, p. 176), as CSAs “[...] não querem apenas ser uma alternativa, também querem falar em voz alta – por meio do uso de folhetos e de *sites* e participando de protestos políticos”.

Registramos diferentes contribuições para demarcar o histórico das CSAs no mundo, mas constatamos que a origem da ideia não está claramente definida, como afirma Peuker (2018, p. 179): “A ideia central não foi, no entanto, apenas o resultado dos esforços de atores sociais; foi também moldada pelo contexto social”. Entretanto, há consenso quanto a uma forte influência exercida por Teruo Ichiraku, filósofo e líder de cooperativa agrícola no Japão durante a década de 70 do século XX. Segundo diferentes registros, ele alertou os consumidores sobre os perigos dos produtos químicos agrícolas e promoveu a agricultura orgânica (Barton, 2018). Em resposta às ideias do filósofo e às preocupações com a segurança alimentar, o uso de pesticidas e de alimentos processados e importados, donas de casa e agricultores locais articularam-se e desenvolveram o conceito de parceria (*Teikei*), segundo o qual eles concordavam em garantir a qualidade dos alimentos produzidos (cereais e vegetais) em troca do pagamento pelo seu próprio trabalho (Fädler, 2017). Para Fädler (2017), a primeira cooperativa da CSA foi provavelmente inspirada pelo sistema *Teikei*; a partir de então, as CSAs espalharam-se pelo mundo inteiro com marcante expansão nos Estados Unidos e na França, cada um com mais de mil experiências, enquanto na Alemanha perfazem 129 (Peuker, 2018).

CSA: CARACTERÍSTICAS GERAIS

Mesmo que na conceituação e na operacionalização da CSA haja unanimidade quanto a uma relação direta entre grupos de consumidores e produtores com o compartilhamento de valores, riscos e responsabilidades, entre outros pressupostos e atos, existem diferentes tipos de CSA. Kraiss e Meissner (2016, p. 40) indicam dois tipos: i) “uma fazenda ou horta comercial ligada a um grupo de membros⁶ [...]”; ii) “várias fazendas ou hortas comerciais que estão ligadas a um grupo de membros para fornecer um suprimento completo de alimentos”. Para as autoras, as CSAs diferenciam-se também pelos seus fundadores – que tanto podem ser profissionais da agricultura como apenas membros ou mesmo ambos –, pelo modelo de funcionamento – marcado por formas jurídicas específicas (controle sobre a terra, ferramentas etc.) e acordos formais e informais –, pelas relações que estabelecem com instituições e pela forma de engajamento de seus membros – frequência de reuniões, assembleias, envolvimento no trabalho de produção e distribuição etc.

Apoiada no estudo de vários autores, Heyland (2017) demonstra que as CSAs diferem entre os países e dentro deles, segundo o tamanho dos grupos, os desafios locais que enfrentam, a

⁶ As autoras explicam que não adotam o uso da expressão “consumidores” ou “clientes” porque consideram que tais expressões não captam o espírito da CSA (Kraiss; Meissner, 2016).

diversidade e a forma de entrega de produtos, os sistemas de pagamento dos membros – às vezes com estratificação segundo a renda e engajamento dos consumidores –, entre outros aspectos que influenciam, inclusive, os valores e as práticas sociais.

Na perspectiva do debate sobre a ação coletiva, Peuker (2018) reconhece que, nas CSAs, as práticas ocorrem em tempos e locais específicos, por isso, diferem tanto. Afirma a autora que “os projetos são diversos e nem todos são iguais, embora exista algum tipo de prática recomendada na CSA. Já é possível ver práticas generalizadas que podem ser encontradas nos manuais de CSA” (Peuker, 2018, p. 181-186).

Inspirados em Peuker (2018), mas sem especificar os detalhes por ela indicados, listamos um grupo de oito práticas gerais: i) encontrar uma fazenda e os interessados para fundar uma CSA (um agricultor ou grupo de agricultores e um grupo de consumidores interessados); ii) estabelecer obrigações legais (consumidores e agricultores costumam assinar um contrato de direito privado que estipula o tempo e especifica a contribuição que os consumidores devem pagar, as técnicas de cultivo e a forma como a colheita deve ser dividida e distribuída); iii) definir o grupo de representação agrícola por eleição com os membros da CSA em uma reunião anual; iv) definir o voluntariado para participar de práticas agrícolas no intuito de estabelecer uma conexão com plantas e culturas e outras formas não humanas de vida na fazenda; v) compartilhar a colheita com a aspiração de distribuir a totalidade entre os participantes; vi) distribuir os produtos – os participantes coletam sua parte por conta própria em um dia fixo da semana ou vão buscá-la em algum ponto predeterminado; vii) organizar festivais agrícolas e de outra natureza; viii) criar e fazer circular boletins e outras peças publicitárias para socializar as informações e conquistar participantes.

Segundo estudiosos, métodos agrícolas também marcam a singularidade das CSAs, considerando que um dos seus objetivos gerais é concorrer para uma mudança de paradigma na agricultura (Kraiss; Meissner, 2016). Para Kraiss e Meissner (2016), as práticas agrícolas privilegiam a produção orgânica com diversidade e contribuem para a proteção ambiental com responsabilidade quanto ao clima e à garantia de biodiversidade. Se, por um lado, as fazendas e a terra são protegidas das pressões do mercado na CSA, por outro, o movimento colabora para uma melhor compreensão da relação entre as cidades e o campo, com o fortalecimento das áreas rurais. É consenso entre diferentes autores que a diversidade agrícola ajuda a aumentar a qualidade de vida e que as estruturas econômicas regionais são fortalecidas quando o dinheiro gasto em alimentos permanece na região (Brown; Miller, 2008; Diekmann; Theuvsen, 2019a, 2019b). Há ainda outras possibilidades:

[...] as CSAs têm o potencial de “repovoar” pessoas no tempo e no lugar, vinculando-as a um pedaço de terra específico e a uma consciência das estações do ano. Em vez de uma produção distante e anônima de alimentos cultivados com insumos químicos certificados como “seguros” por uma burocracia governamental, os membros da CSA sabem não apenas onde e quando sua comida é cultivada, mas também quem a cultiva (Cone; Myhre, 2000, p. 188).

Ademais, há maior investimento no aumento da fertilidade dos solos agrícolas, na redução de longas rotas de transporte, no menor desperdício, visto que os produtos locais são valorizados nos seus formatos (nem sempre perfeitos esteticamente), e na diminuição da geração de lixo, como plásticos e materiais de embalagem desnecessários (Kraiss; Meissner, 2016).

Sobre a construção e o compartilhamento de valores, Kraiss e Meissner (2016) argumentam que a relação direta das pessoas com a agricultura contribui para maior consciência dos recursos naturais. Nesse sentido, a CSA desempenha um importante papel pedagógico porque é também local de aprendizagem intergeracional, onde os participantes têm a possibilidade de aprender técnicas de produção agrícola e de cuidados com a terra. Em síntese, como afirma Heyland (2017, p. 9), “[...] as CSAs compartilham o uso de práticas agrícolas sustentáveis e a promoção da soberania alimentar local por meio de relações sociais entre consumidores, produtores e a terra”.

Com base em uma revisão da literatura sobre CSAs, Heyland (2017, p. 60) esclarece:

As CSAs apresentam uma “visão radical” para a produção e o consumo de alimentos na medida em que produtores e consumidores compartilham riscos agrícolas, têm um relacionamento direto e comprometem-se a trocar produtos agrícolas durante toda a temporada a partir de uma taxa regular dos membros.

Diekmann e Theuvsen (2019a, 2019b) tratam especialmente dos membros das CSAs na Alemanha. Os autores concluíram que é elevada a participação de mulheres e que elas tendem a atribuir mais importância a valores autotranscendentes do que os homens. Em geral, elas têm maior abertura a mudanças, focam objetivos universalistas, têm uma forte preocupação com o meio ambiente e com o seu entorno social. Crescimento pessoal e autoexpansão são importantes para elas (Diekmann; Theuvsen, 2019a, p. 743). A partir da revisão de vários estudos, os autores afirmam que, em geral, os membros participam da CSA com a expectativa de alcançarem uma maior sustentabilidade ambiental, econômica e social e em razão da preferência pela produção ecológica.

Em se tratando da formação de grupos, Cone e Myhre (2000), em estudo sobre as CSAs nos Estados Unidos, constataram que cada uma tinha a sua particularidade, mas os grupos frequentemente se constituíam entre conhecidos, o que denota que o interconhecimento é central:

[...] duas fazendas eram relacionadas à igreja, uma era um grupo de membros ativos cujos filhos frequentavam a mesma escola e uma quarta começou com um grupo de amigos envolvidos em organizações de ação comunitária. Membros adicionais foram incorporados por meio do contato boca a boca, de artigos de jornal, rádio, entrevistas e folhetos distribuídos em cooperativas de alimentos, igrejas e bibliotecas. O meio mais eficaz de recrutamento foi o contato pessoal (Cone; Myhre, 2000, p. 190).

Na pesquisa, as autoras também traçam um perfil dos participantes de CSAs e destacam fatores que tiveram relevância na opção de associarem-se: conhecimento prévio da agricultura, experiência agrícola na família, residência urbana, nível educacional universitário, renda

relativamente elevada, maior envolvimento de mulheres nas responsabilidades, entre outros. A atração exercida pelas CSAs em pessoas com renda e educação formal acima da média na Alemanha e o grande envolvimento de mulheres e consumidores mais jovens foram observados recentemente também por Diekmann e Theuvsen (2019b).

Com essas características, as motivações para fazer parte de CSAs são diversas. Segundo Kraiss e Meissner (2016), a CSA tornou-se um movimento que oferece novas perspectivas aos agricultores. Qualidade, sustentabilidade e transparência estão ganhando importância, e há um número crescente de consumidores dispostos a pagar um preço justo por “comida ética” produzida regionalmente em condições justas e com respeito por todas as formas de vida. Para além de tais motivações, Heyland (2017, p. 9) destaca a possibilidade de construção de uma comunidade, o compartilhamento de riscos agrícolas, a liberdade na escolha do cultivo “[...] e, em geral, o direito de co-determinação na tomada de decisão, o que não se limita às demandas do mercado”. Para Fädler (2017), a maioria dos entrevistados deseja viver de forma mais sustentável do que viveram até agora. Ela também constatou que a participação na CSA realmente causou reflexões e considerações que se espalham para outras áreas da vida, como a mobilidade ou o uso de energia. Além disso, cria uma identidade comunitária que se baseia no pensamento solidário.

Dickman e Theuvsen (2019a) realizaram uma revisão extensa da literatura e enumeram vários motivos pelos quais as pessoas aderem a uma CSA: informação sobre a origem dos produtos alimentícios; compreensão mais profunda dos processos agrícolas, o que resulta em confiança na produção dos alimentos; interação com a comunidade; senso de moral de satisfação pelo apoio a um sistema que acreditam ser bom para sua saúde pessoal, para a comunidade local e seus recursos naturais nos arredores.

Com outro olhar, Ostrom (2007, p. 117) afirma que os consumidores nas CSAs, “à medida que comem, têm a oportunidade de aumentar a sua compreensão sobre os alimentos, os desafios enfrentados pelos agricultores, as necessidades do meio ambiente e o potencial papel que os cidadãos informados podem ter na reformulação dos sistemas alimentares e econômicos”.

Como constataram Cone e Myhre (2000), os apoiadores da CSA têm uma agenda mais profunda no que diz respeito à própria natureza da agricultura. Não obstante tantas motivações, também são identificados limites e dificuldades que implicam a menor participação de membros ou mesmo a rejeição da proposta de CSA.

Dentre os limites que foram relatados por alguns participantes da CSA, Diekmann e Theuvsen (2019a) destacam a ideia de que, na prática, há uma relativa redução do senso de autonomia do participante porque tudo depende de uma certa oferta de produtos e requer mudanças na preparação dos alimentos, que são frescos. Logo, mesmo que a oferta da fazenda contenha uma ampla variedade de produtos, é improvável satisfazer todas as necessidades de uma família contemporânea

(Diekmann; Theuvsen, 2019b). Assim, a adesão a uma CSA não substituirá, mas apenas completará as demandas do comportamento habitual de compra. Com base nos achados de pesquisa de outros autores, Diekmann e Theuvsen (2019b) especificam que, para além da oferta de alimentos, o pagamento antecipado por uma quantidade nem sempre garantida de produtos (há compartilhamento de riscos, inclusive perda de safra) significa insegurança e, portanto, uma possível barreira para a entrada de famílias que têm renda mais baixa na CSA.

Outro tema relevante no debate, mas pouco analisado na literatura que revisamos, é a participação dos membros da CSA. Embora Cone e Myhre (2000) tenham realizado uma importante análise há duas décadas e ainda que se tenha intensificado a dinâmica de adesão, seu estudo, feito a partir de revisão de literatura e de entrevistas, é ainda a principal referência. As autoras constataram que a metade, aproximadamente, dos membros que pagaram pela produção não participaram além da compra e do consumo da sua parte. Segundo elas, entre os membros da CSA, há diferentes interpretações da noção de comunidade que influem nos seus engajamentos:

De nossas conversas com “acionistas”, concluímos que, na realidade, para muitos, “comunidade” refere-se mais à comunidade de interesse do que à comunidade construída sobre relações mútuas de direitos e obrigações, reciprocidade. Embora a CSA ofereça uma via potencial de resistência à comida como mercadoria, ainda não demonstrou eficácia na construção dos conjuntos de relações estáveis e comprometidas que o movimento exige a longo prazo. Em nossa pesquisa, “comunidade” para alguns, se não para a maioria, parecia ser uma expressão de desejo, uma nostalgia dos vínculos sociais imaginados de nosso passado rural – um tipo de comunidade que os membros da CSA dificilmente percebem, dadas as demandas e restrições de suas vidas (Cone; Myhre, 2000, p. 196).

As autoras elaboraram uma tipologia com três grupos para caracterizar a participação na CSA: “baixa participação” (os membros pagaram a taxa de associação, pegaram os produtos no local de distribuição e fizeram uma visita única à sua fazenda); “participação moderada” (visitaram a fazenda duas vezes para ajudar na colheita e na entrega de vegetais, participaram de uma festa na fazenda ou de um dia de trabalho, trabalharam em um comitê ou ofereceram a casa como lugar de distribuição de produtos); “alta participação” (visitaram a fazenda três ou mais vezes e ajudaram de outras maneiras daquelas citadas acima).

Os diferentes níveis de participação têm implicações importantes nos modos de funcionamento das CSAs porque a carga de trabalho para os agricultores é muito grande (Kraiss; Meissner, 2016), como também para os demais membros que participam da etapa de distribuição dos alimentos e da própria burocracia. Ademais, trata-se de um modelo diferenciado que exige mais do que saber cultivar, como afirmou um membro por nós entrevistado: “Mesmo que você, na teoria, tenha começado a lidar com plantas ou agricultura e, eventualmente, plantado algo na sua própria varanda, é completamente diferente enfrentar todas as questões práticas de um estabelecimento agrícola em funcionamento” (advogado, membro, 32 anos).

Em se tratando das perspectivas, as CSAs superaram as expectativas e permitem contestar as afirmações de Brown e Miller (2008, p. 1300) e de Peuker (2018). Os primeiros, afirmaram, há mais de uma década, que “CSAs provavelmente nunca serão mais do que uma pequena parte do sistema alimentar”. Já Peuker reconheceu que CSA continuará sendo uma alternativa dentro de um nicho, porque não é muito provável que um grande número de pessoas estejam altamente motivadas para participar por falta de tempo, de acesso à terra e mesmo de preocupações ecológicas. Contudo, as experiências têm aumentado e chamado a atenção de diferentes grupos que reagem contra a agricultura industrial.

CSA NA ALEMANHA: ALGUMAS PARTICULARIDADES

Na literatura acadêmica por nós revisada, não foram muitos os estudos sobre CSA na Alemanha, embora sobejem descrições detalhadas sobre as experiências nos *sites* de cada uma dessas comunidades. Para Wellner e Theuvsen (2017), há pouco conhecimento científico, em detalhes, sobre CSAs na Alemanha, mesmo que seja perceptível o crescente número de comunidades de agricultores e consumidores.

A gênese da CSA na Alemanha é associada ao movimento da agricultura orgânica que emergiu relativamente cedo, especialmente a vertente da agricultura biodinâmica⁷, que teve seu início nas palestras que Rudolf Steiner (1993), fundador da antroposofia, deu a um grupo seletivo de antroposofistas, principalmente grandes proprietários de terra, no ano de 1924 em Koberwitz.

Em um dos boletins da Urgenci (plataforma internacional de CSA), Wolfgang Stränz (2015) trata da gênese da CSA na Alemanha, tema que considera muito peculiar e associado ao movimento da agricultura orgânica – o interesse dos consumidores por esse movimento aumentou repentinamente logo após o desastre nuclear de Chernobyl, em 1986. Naquele contexto, foram implementadas as primeiras cooperativas de alimentos, gerenciadas pelos próprios consumidores, a maioria organizada inicialmente em lugares como garagens. As iniciativas relacionaram-se muitas vezes a outras vertentes da agricultura orgânica.

Os consumidores encomendavam diretamente ao agricultor que estava entregando o produto, mas os desencontros entre pedidos e ofertas levaram a uma nova iniciativa, que foi a encomenda de uma caixa com os vegetais disponíveis na estação. Para Stränz (2015, p. 1), “CSA significa uma

⁷ “O ideal da agricultura biodinâmica é a economia circular: o agricultor mantém o maior número de animais que pode alimentar com sua terra, cujo adubo garante a alta fertilidade do solo, o que produz o melhor alimento para a humanidade. Com a ajuda de preparados biodinâmicos, o produtor organiza processos naturais. Dessa forma, a fazenda torna-se um organismo único, no qual cada órgão precisa do outro: homem, planta, animal e solo trabalham juntos”. O agricultor tem a tarefa de cuidar do solo (Demeter, 2021).

repartição do risco e da responsabilidade na atividade agrícola entre os produtores e os consumidores”.

No relato histórico que faz, Stränz (2015) indica Trauger Groh como um dos pioneiros mais importantes da ideia de interação entre produtores e consumidores e como alguém que, na condição de gestor de um estabelecimento biodinâmico da família, fez uma experiência e concluiu que um estabelecimento familiar não tem futuro sem outras atividades sociais, sugerindo a quebra de um paradigma quanto à exclusividade da atividade agrícola.

Em outra publicação, Stränz (2016, p. 2) relata que, num debate iniciado com agricultores e outros profissionais, Trauger Groh focalizou o tema “Sítios culturais com base na agricultura” (*Kulturstätten auf landwirtschaftlicher Grundlage*) e concluiu que essa nova “agricultura” deve seguir alguns princípios: i) transformar a propriedade da terra em direitos de uso de longo prazo; ii) transformar a relação salarial em uma cooperação solidária de autônomos; iii) “abrir os estabelecimentos para atividades educacionais, socioterapêuticas e empresariais”.

Como resultado desse processo, foi iniciada uma experiência com vários parceiros (famílias) no estabelecimento Buschberghof, nas proximidades da cidade de Hamburgo, em 1973, após um trabalho árduo para superar problemas jurídicos e financeiros. Processamento de produtos lácteos, moinho e padaria, horticultura e terapia social acompanharam a produção vegetal e animal (pecuária). Legalmente, a Sociedade de Pesquisa Agropecuária sem Fins Lucrativos é a proprietária do Buschberghof e de seus edifícios, máquinas e animais. Segundo Stränz (2015), Trauger Groh viveu e trabalhou no Buschberghof de 1968 até o início dos anos 80, antes de ir para os EUA, de onde mantinha contato e informava o que estava acontecendo lá.

Trauger Groh fez novas experiências nos Estados Unidos em contato com um vilarejo Camphill, uma iniciativa antroposófica com atividades sociais e produtivas, e a ideia da CSA completou-se com a criação da Temple-Wilton Community Farm, que contou com o financiamento integral das suas atividades por meio de uma associação de apoio formada por 40 famílias. Essa fundação – iniciativa de Groh – foi o ponto inicial para o Movimento de Apoio à Agricultura, em 1986, que teve também um impacto no estabelecimento Buschberghof, com o qual o pioneiro sempre manteve contato, a partir de 1988. Stränz (2015, p. 1) relata: “Nós – o que significa Buschberghof, onde estávamos coletando nosso leite – mantivemos sempre relações pessoais com a Fazenda Comunitária Temple-Wilton, uma das primeiras fazendas da CSA (1986) nos EUA”.

Segundo outro registro, na Alemanha, a primeira CSA foi fundada em Buschberghof em 1988 (Kraiss; Meissner, 2016), e sua história “é frequentemente contada como um mito cuja pessoa principal é Trauger Groh, que viveu na ‘primeira’ comunidade-fazenda na Alemanha” (Peuker, 2018, p. 179). Segundo Peuker (2018), faz parte da narrativa explicitar que ali Trauger Groh apreendeu a ideia de que consumidores e agricultores poderiam organizar coletivamente uma fazenda. Imbuído

desse propósito, em meados dos anos 80, ele fundou a primeira fazenda de CSA nos EUA. A ideia rapidamente se expandiu, e mais experiências foram criadas (Peuker, 2018), inclusive a da fazenda precursora Buschberghof na Alemanha, que continua na sua forma original.

De acordo com Stränz (2015, s.p.), Buschberghof desfruta de uma situação favorável e fornece aos consumidores “tudo o que uma unidade agrícola poderia produzir: legumes de verão e inverno, batatas, carne bovina, suína e ovina, embutidos, aves, ovos, leite e produtos lácteos como queijo *cottage*, iogurte, queijo fresco, queijo macio e queijo duro”, além de pães. Assim, segundo ele, os seus membros dependem da compra de poucos produtos externamente.

Na Alemanha, as CSAs foram denominadas *Solidarische Landwirtschaft: Sich die Ernte teilen*. São conhecidas pela abreviatura SoLaWi, e o nome significa literalmente “Agricultura solidária: compartilhando a colheita”. Lê-se no *site* da Urgenci (2021):

[...] a solidariedade refere-se a uma relação bidirecional de apoio e de confiança entre os agricultores e seus “co-agricultores” (um termo alternativo para “consumidores”, usado para enfatizar a conexão integral entre os dois grupos). Em muitos casos, “solidariedade” também se refere ao arranjo financeiro existente no grupo de co-agricultores, com pessoas de alta renda pagando uma contribuição maior (sempre de forma voluntária) do que as de baixa renda, a fim de cobrir os custos de produção da fazenda.

Mesmo que exista um consenso em relação à expressão, Peuker (2018) afirma que a denominação foi aceita como objetivo básico da rede, mas admite que alguns projetos ainda rejeitam o termo *Solidarische Landwirtschaft* como capaz de abarcar todas as dimensões da comunidade.

Em estudo específico sobre CSAs na Alemanha, Wellner e Theuvsen (2017) reconhecem que as iniciativas de CSA são uma resposta social de consumidores à industrialização da agricultura e dos alimentos. Mediante tal crítica, houve um aumento exponencial no número de CSAs em todo o mundo. Na Alemanha, as CSAs expandiram-se mais lentamente e somente em anos recentes passaram a desfrutar de maior atenção do público (Diekmann; Theuvsen, 2019a).

Com o crescimento das CSAs na Alemanha, uma rede nacional foi criada em 2011 para facilitar o fluxo de informações e o apoio mútuo dentro do movimento, bem como para lidar com as perguntas dos diferentes interessados. Para Kraiss e Meissner (2016, p. 38), a agricultura baseada na solidariedade voluntária de agricultores e de consumidores que produzem juntos significa segundo a definição do estatuto da Rede Nacional: i) compartilhar os riscos e responsabilidades da agricultura; ii) organizar processos econômicos à base da solidariedade e da confiança mútua; iii) concordar com o padrão combinado segundo o qual a agricultura é realizada (operações agrícolas e custos da produção agrícola), incluindo um nível de remuneração adequado para os agricultores e trabalhadores agrícolas (assalariados) com todos os custos cobertos pelos membros; iv) criar um relacionamento confiável entre os produtores e consumidores, envolvendo um compromisso de longo prazo com vínculos; v) criar liberdade ante a coerção econômica na produção agrícola com soberania alimentar;

vi) proporcionar benefícios à saúde dos solos, dos corpos d'água, das plantas, dos animais e das pessoas e promover seu bem-estar e desenvolvimento; vii) promover um espírito de internacionalismo e entendimento entre as nações. Na perspectiva da relação entre consumo sustentável e estilo de vida, para Fädler (2017), as CSAs permitem compreender a relação entre “agir localmente” e “pensar globalmente”. Para tal propósito, há uma segmentação em produtores e consumidores.

Amparados em dados disponíveis numa base de informações com pré-cadastros *on-line*, Wellner e Theuvsen (2017) fornecem uma visão da estrutura temporal e espacial da CSA na Alemanha. Vale ressaltar que nem todas as experiências estavam cadastradas na base de dados. Mesmo assim, segundo apuraram, na última década, as CSAs passaram de 5 em 2007 para 127 em 2017, com participação total de 11.386 pessoas e com orçamentos definidos coletivamente. Há uma média de 130 membros por estabelecimento, considerando que o número de participantes varia entre 10 e 1.000 pessoas por CSA. O valor de contribuição por membros varia de 20 a 200 euros, segundo a oferta de cada membro pela sua participação.

Segundo os autores, 87% das CSAs – a grande maioria – produzem hortaliças, 35%, além de hortaliças, também produzem frutas. Dentre outros produtos, destacam-se: ervas (15,7%), carne e ovos (14, 2%), leite (12,6%), cereais (9,4%), suco (7,1%), mel (5,5%), flores (4,7%), conservas (3,1%) etc. Para garantir o abastecimento dos seus membros, 14,2% das CSAs adquirem, às vezes, produtos de terceiros, desde que produzidos sob a mesma orientação ecológica. 69,3% das CSAs entregam os produtos em depósitos onde serão recolhidos pelos membros. 34,6% oferecem os produtos no estabelecimento, e um pequeno número desses últimos (4%) também entrega. Apenas em 5,5% das CSAs, a ajuda dos membros é obrigatória, e na maioria dessa parcela (3,9% do total das CSAs) cobra pagamento em caso de não cumprimento (Wellner; Theuvsen, 2017).

Quanto à distribuição, Wellner e Theuvsen (2017) afirmam que 29% das CSAs estão localizadas em regiões predominantemente urbanas, 53%, em regiões intermediárias e 18%, em regiões predominantemente rurais. Esses dados oferecem pistas importantes sobre a possibilidade de interação entre membros com diferentes inserções ocupacionais, mas agrupadas a partir do propósito de uma nova relação com a regionalidade, os alimentos e os recursos naturais.

Com base na literatura e nas entrevistas realizadas, concluímos que, em geral, há satisfação tanto entre os membros que participam cotidianamente da experiência, quanto entre aqueles que esporadicamente fazem trabalho voluntário, mas que partilham riscos e dispõem de produtos saudáveis com origem segura a partir de relações solidárias.

PARA FINALIZAR: TENDÊNCIAS RECENTES DE NOVAS INICIATIVAS AGRÍCOLAS COM FOCO NOS SISTEMAS ALIMENTARES REGIONAIS NA ALEMANHA

Nos últimos anos, foram observadas várias tendências convergentes que acompanham ou mesmo promovem a criação de novos estabelecimentos agrícolas em várias regiões da Alemanha e de outros países da Europa. O fortalecimento de movimentos e de iniciativas de *marketing* regionais anda de mãos dadas com uma crescente demanda das pessoas, especialmente nas cidades, por bens produzidos regionalmente e de aparência “autêntica”, ou seja, menos padronizada. Produtos artesanais “feitos à mão” estão florescendo, incluindo os alimentos regionais. Muitos consumidores querem saber quem produz seus alimentos e sob quais condições.

Por um lado, isso fortalece o enraizamento regional entre os habitantes das cidades que, de outra forma, seriam globalmente conectados somente em redes internacionais, muito voláteis e móveis. Isso também pode ser visto no crescente número de pequenas iniciativas solidárias, a exemplo da SoLaWi, grupos de compras coletivas, incluindo o financiamento de empresas pelo *crowdfunding*, ou seja, com financiamento coletivo. Por outro lado, a consciência da classe média intelectual sobre os efeitos globais de seu modo de vida está aumentando, e o consumo eticamente e ecologicamente correto visa a reduzir esses efeitos e favorece um clima de que é bom para a consciência cidadã. Isso é apoiado pela tendência social em direção a um estilo de vida consciente em relação à saúde, à aptidão física e psíquica.

O movimento global em defesa do clima também tem influenciado a valorização e o maior consumo dos produtos orgânicos e regionais porque utilizam menos energias não renováveis, dependem em geral de circuitos de transporte mais curtos, reduzem insumos químicos e contribuem para uma paisagem ambientalmente enriquecida. Outro aspecto é o anonimato das pessoas nas grandes cidades, a concorrência e o aumento de preços do uso do solo e de espaços comerciais onde é difícil que as pessoas criativas se estabeleçam com iniciativas inovadoras. Se, por um lado, as estruturas industriais foram convertidas e as relações de trabalho transformaram-se tão fortemente que muitas pessoas podem trabalhar em qualquer lugar ou mesmo em casa, por outro, a pandemia da covid-19 fortaleceu a tendência, generalizou o debate e pressionou novas alternativas de consumo e de comercialização com maior valorização de produtos ecologicamente sustentáveis.

Na Alemanha, registra-se uma forte tendência de mudança para áreas rurais, e espaços de trabalho conjunto (*coworking spaces*) estão sendo criados em numerosos vilarejos, visíveis, por exemplo, na rede *Zukunftsorte* (“futuros lugares”). Assim, as pessoas encontram um lugar favorável para o desenvolvimento e podem criar visibilidade com poucos recursos. Os pré-requisitos para tais mudanças são geralmente uma conexão estável com a internet, uma boa rede de transporte público e a abertura por parte das “comunidades rurais” para recebê-las.

As pessoas que fundam os novos empreendimentos rurais têm formação técnica e optam pela agricultura, encontram vizinhos igualmente socializados na cidade. Juntas, elas mudam o “clima” no local e trazem famílias jovens para as antigas sociedades aldeãs em declínio. O encontro dos

residentes tradicionais com os recém-chegados não é isento de conflitos, mas há também a percepção de que, provavelmente, uns dependem dos outros. Os recém-chegados dependem do conhecimento e da experiência dos residentes já estabelecidos, que, por sua vez, reconhecem que os jovens são provavelmente a sua única esperança para a preservação da estrutura do vilarejo, considerando que a juventude nativa já se mudou há muito tempo.

Na escala de municipalidades, também há mudanças porque, após décadas de espera, muitas vezes em vão, de apoio de políticas públicas estadual e federal, os residentes estão utilizando cada vez mais os seus próprios recursos. Em lugares em que durante anos não houve lojas para as necessidades cotidianas das pessoas, elas estão surgindo, bem como centros comunitários auto-organizados. Surgiram também formas de transporte coletivo organizadas por associações com financiamento comunitário e com motoristas voluntários, iniciativas agregadoras e com uma grande variedade de estruturas associativas, as quais formam a espinha dorsal da vida cultural.

Os serviços rurais de interesse geral, que, para muitos pequenos municípios não valeriam a pena sob o estrito ponto de vista econômico, estão agora sendo promovidos politicamente com vários programas⁸. O pré-requisito em qualquer caso é uma grande dose de iniciativa individual, e o apoio está muitas vezes vinculado a condições definidas externamente, como leis e programas sobre os quais os residentes raramente têm qualquer influência. Entretanto, esses esforços continuam a ser dificultados pela reestruturação da administração pública e pela fusão de municípios.

Outra tendência importante é a recente mudança no discurso social nas cidades alemãs. Grupos sociais exigem sistemas alimentares regionais e um afastamento da agricultura voltada para a exportação. Isso se torna visível nas atividades dos conselhos locais de alimentação. Além das atividades educacionais para promover uma cultura alimentar sustentável, eles desempenham um papel importante no desenvolvimento do campo político da alimentação na cidade. Berlim foi a primeira cidade alemã a adotar uma estratégia alimentar e com um debate com a sociedade civil a partir de 2019. Uma das questões-chave no debate sobre essa política é como uma cidade pode ser alimentada a partir de seu entorno.

Como resultado, estratégias de nutrição estão sendo desenvolvidas gradualmente para pequenas cidades e regiões rurais. A dificuldade mais óbvia é a falta de estruturas de processamento adequadas, especialmente para as necessidades das instituições públicas (cantinas em escolas, creches, jardins de infância, universidades, hospitais e administrações).

Um dos maiores desafios para os sistemas alimentares regionais é a logística necessária para pequenas estruturas. Os custos de transporte para pequenas quantidades de mercadorias com exigências higiênicas específicas dificilmente podem ser cobertos pelos produtores e pelos

⁸ Ver os *sites*: <https://www.neulandgewinner.de/> e https://www.bmel.de/DE/themen/laendliche-regionen/foerderung-des-laendlichen-raumes/bundesprogramm-laendliche-entwicklung/bundesprogramm-laendliche-entwicklung_node.html.

comerciantes; as distâncias são longas, o pessoal para a prestação do serviço custa caro e é difícil de encontrar. Por isso, os custos da logística frequentemente representam 20 a 50% dos custos para os produtores. Esse problema não é recente; nos últimos 20 anos, várias iniciativas foram experimentadas. Com a nova tendência de regionalização e as possibilidades “do mundo digital”, cada vez mais soluções de micrologística estão sendo testadas. Elas são frequentemente acompanhadas por modelos de comercialização inovadores. Exemplos de novas formas de abastecimento rural são a loja móvel da *Steinwald Allianz*, numa região que inclui 17 vilarejos, e o projeto *Smart Village* em Remmesweiler, que traz mercadorias encomendadas para esse lugar e alguns vilarejos associados por meio de uma plataforma digital de compras regionais e da ajuda de voluntários.

Em outras experiências, os atores dentro e fora da cadeia de abastecimento cooperam para a comercialização e a logística de produtos agrícolas para as cidades. Exemplo disso são os operadores digitais e lojas *on-line*, nos quais mediadores e diferentes grupos de clientes podem encomendar e receber mercadorias de vários produtores regionais, tais como a *HofladenBOX* (“caixa da loja do estabelecimento”) na região de Fürth (Baviera) e as chamadas prateleiras regionais. Um dos exemplos interessantes é a Open Food Network (OFN), uma plataforma de código aberto na qual produtores e grupos de produtores podem projetar e gerenciar seus próprios sistemas de logística e de comercialização. Na Alemanha, um primeiro ponto de referência foi criado na forma de *Münsterländer Bauernbox* (caixa de agricultores da região de Münster). Internacionalmente, já existem inúmeros grupos de tamanho considerável.

Por fim, do mesmo modo que as grandes estruturas de produção e de comércio, as redes regionais de alimentos estão sujeitas a mudanças constantes. Quais das iniciativas aqui descritas perdurarão por longo prazo? Tudo dependerá da prioridade atribuída pelas políticas públicas e da atenção e apreciação que as pessoas derem a sistemas alimentares diferenciados a partir de relações entre produtores e consumidores no processo de busca de novos modos de viver com preocupação ambiental.

REFERÊNCIAS

- BARTON, G. A. *The Global History of Organic Farming*. Oxford: Oxford University, 2018. 242 p.
- BECHEVA, S.; RIOUFOL, V. *Höfesterben: Weichen oder Wachsen*. Berlin: Heinrich-Böll-Stiftung, 2019.
- BROWN, C.; MILLER, S. The impacts of local markets: a review of research on farmers markets and Community Supported Agriculture (CSA). *American Journal of Agricultural Economics*, [s.l.], v. 90, n. 5, p. 1296-1302, 2008.
- BRUNORI, G.; ROSSI, A.; GUIDI, F. On the new social relations around and beyond food: analysing consumers' role and action in Gruppi di Acquisto Solidale (Solidarity Purchasing Groups). *Sociologia Ruralis*, [s.l.], v. 52, n. 1, p. 1-30, Jan. 2012.

- CONE, C. A.; MYHRE, A. Community-supported agriculture: a sustainable alternative to industrial agriculture? *Human Organization*, [s.l.], v. 59, n. 2, p. 187-197, 2000.
- DEMETER. *Biodynamische Landwirtschaft*. 2021. <https://www.demeter.de/biodynamisches/landwirtschaft>. Acesso em: 30 out. 2021.
- DIEKMANN, M.; THEUVSEN, L. Non-participants interest in CSA – Insights from Germany. *Journal of Rural Studies*, [s.l.], v. 69, p. 1-21, July 2019b.
- DIEKMANN, M.; THEUVSEN, L. Value structures determining community supported agriculture: insights from Germany. *Agriculture and Human Values*, [s.l.], v. 36, n. 4, p. 733-746, 2019a.
- FÄDLER, J. L. *Community-supported agriculture in Germany – a way towards more sustainable consumption?!*: A case study analyzing sustainable consumption among CSA consumer members of CSA initiatives based in South-western Germany. 2017. 125 p. Thesis (Master of Science in Culture, Communication & Globalization) – Aalborg University, School of Humanities, Neunkirchen, 2017.
- FONTE, M. Food consumption as social practice: solidarity purchasing groups in Rome, Italy. *Journal of Rural Studies*, [s.l.], v. 32, p. 230-239, 2013.
- HEYLAND, S. K. *Exploring Characteristics and Practices of Community Supported Agriculture in Germany*. 2017. 74 p. Thesis (Master of Science in Organic Agriculture, Sustainable Food Systems) – Wageningen University, Wageningen.
- KRAISS, K.; MEISSNER, S. Germany. In: EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP. *Overview of Community Supported Agriculture in Europe*. Aubagne: Urgenci, 2016. p. 38-43. Disponível em: <https://urgenci.net/wp-content/uploads/2016/05/Overview-of-Community-Supported-Agriculture-in-Europe.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- OSTROM, M. R. 2007. Community Supported Agriculture as an Agent of Change: is it working? In: HINRICHS, C. C.; LYSON, T. A. (Ed.). *Remaking the North American Food System: Strategies for Sustainability*. Lincoln, NE: University of Nebraska, 2007. p. 99-120.
- PEUKER, B. Protection of a place? Community supported agriculture (CSA) in Germany. In: KALFAGIANNI, A.; SKORDILI, S. (Ed.). *Localizing Global Food Short Food Supply Chains as Responses to Agri-Food System Challenges*. [s.l.], Taylor & Francis, 2018. p. 176-189.
- STEINER, R. *Fundamentos da Agricultura Biodinâmica: Vida nova para a terra*. Tradução Gerard Bannwart. São Paulo: Editora Antroposófica, 1993. 235 p. Original: *Geisteswissenschaftliche Grundlagen zum Gedeihen der Landwirtschaft*. Landwirtschaftlicher Kursus. 1963. Primeira publicação 1929.
- STRÄNZ, W. *Nachruf auf CSA-Pionier Trauger Groh*. 2016. Disponível em: <https://www.solidarische-landwirtschaft.org/aktuelles/news/news-detail/news/nachruf-auf-csa-pionier-trauger-groh/>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- STRÄNZ, W. *The history of CSA in Germany*. Trad. Jocelyn Parot. 2015. Original publicado em japonês 2009. Disponível em: <http://urgenci.net/the-history-of-csa-in-germany/>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- URGENCI. *Solidarische Landwirtschaft*. 2021. Disponível em: <https://urgenci.net/germany/>. Acesso em: 30 out. 2021.
- WELLNER, M.; THEUVSEN, L. Community Supported Agriculture in Deutschland. *Berichte über Landwirtschaft*, [s.l.], v. 95, n. 3, 2017.